

A120062

# Miséria e denúncia num documentário emocionante

Betty Feliz

“Lugar de Toda a Pobreza” lotou as dependências do cine-clube e comoveu a platéia. Agora, o documentário será exibido no bairro São Pedro, na Casa da Cultura, Novotel e na Assembléia Legislativa.



**Dona Leda: uma figura forte, presente no documentário**

A platéia que lotou as dependências do cine-clube da Ufes na manhã de ontem não estava preparada para o impacto do documentário **Lugar de Toda a Pobreza**, dirigido por Amylton de Almeida. A maioria dos universitários que se espremia entre as cadeiras e corredores, ajoelhados ou sentados sobre as pernas, chorou grande parte dos seus 60 minutos de duração.

Apesar de alguns problemas técnicos — a carga de voltagem local não suportou a capacidade dos dois VTs — e da demora para reiniciar (depois de 10 minutos de paralisação) **Lugar de Toda a Pobreza** mostrou a degradação de uma comunidade e a omissão da sociedade e das autoridades constituídas, que insistem em manter um discurso cada vez mais longe da prática.

As cenas que o público que esteve no cineclub

às 10 horas de ontem — e ali permaneceu até o meio-dia — assistiu ao fruto de um trabalho de equipe sem deslizos: Henrique Gobbi (assistência de direção), José Lúcio Campos (imagens), Antonio Americano (montagem) e Moisés Pallaoro (edição de TV), sob a segura direção de Amylton de Almeida.

Urubus e homens. Lixo e fome. Uma disputa cruel, dramática na qual nem as crianças são poupadas. Afinal, elas têm que começar cedo a aprender a lutar feito feras pela sobrevivência (?). Mesmo em meio ao infecto lixo hospitalar. Apesar de inocentes e indefesas.

As mulheres falam do seu dia-a-dia, das suas lutas, de suas vidas com humildade e força. A força que somente o lixo e a convivência diária com o fantasma da fome e da violência poderiam lhes dar. Dona Leda (que assistiu ao documentário)

a presidente da Associação dos Catadores de São Pedro, voz firme, embora cansada, quer a união. Pede ajuda em tom quase patético, como patéticas são as imagens humanas do documentário.

**Lugar de Toda a Pobreza** não é apenas imagens, no entanto. Sua força reside também na riqueza da sonoplastia. (trabalho de Amylton de Almeida), no impacto de um Tchaikowsky ou na leveza de um Erik Satie. **Muito Breve**, o hino religioso e anônimo cantado pelas crianças de São Pedro nos intervalos, ajuda a compor o quadro de miséria e solidão daquela gente e sua ingênua linguagem.

Cenas como as das crianças comendo o lixo (frutas podres, pedaços de carne estragada) e do homem disputando a sua porção com o cachorro também faminto, ou ainda

a do processamento do lixo na fábrica até virar papel e retornar à mesa do cidadão comum embrulhando seu pão, conseguem dar ao documentário toda a movimentação necessária e, até certo ponto, um clima de tragicomicidade. A platéia precisa respirar.

Mas não há panfletagem na mensagem que **Lugar de Toda a Pobreza** passa. Tanto é assim que, no debate, ao final da exibição, depois da comoção que tomou conta da platéia (após o relato humilde e constrangido de dona Leda, convidada ao palco) as manifestações eram emocionadas. Denúncia? Naturalmente. Afinal ela está implícita no trabalho que a equipe executou. A mesma equipe que teve o cuidado de evitar a narração arrumadinha e que sempre cheira a paternalismo, na tentativa de explicar (ou explicar-se) o que por si só se explica.